



Nayale Lucinda A. Albuquerque*

Parto Humanizado

A forma de nascer tem sido uma das principais discussões no âmbito da saúde materna em todo o mundo. Intervenções desnecessárias são amplamente utilizadas nos serviços de saúde para o manejo de um parto “normal”, reforçando uma percepção atual e distorcida de que este tipo de parto é um grande sofrimento e castigo para a mulher.

A estrutura física e os recursos humanos disponíveis nas maternidades públicas são deficientes. Neste contexto, frequentemente, observa-se uma peregrinação das parturientes em busca de um leito hospitalar para ter seus filhos. Verifica-se, também, uma dificuldade em acolher a mulher e seu acompanhante, o que gera aumento de medo e sensação de falta de apoio no trabalho de parto.

Estando internada e, por vezes, sozinha, a mulher ainda sofre com dores muito mais profundas que a do parto, já que muitos profissionais acabam impondo condutas rotineiras e generalizadas para seres humanos que possuem reações biológicas, psicológicas, culturais e sociais individuais.

A violência obstétrica, presente em muitas maternidades, perpassa as falas dos profissionais que, por vezes, acusam a mulher de não conseguirem parir por serem fracas, por não ajudarem no processo do parto, por não contribuírem com a ordem da enfermagem, já que no momento do trabalho de parto a mulher deve ficar quieta, deitada em uma cama, sem ter o direito de incomodar a equipe e sem comer.

Portanto, a busca por uma cirurgia cesariana tem sido a grande esperança de muitas mulheres em vivenciarem o nascimento com uma menor carga de sofrimento e dor. Segundo pesquisas recentes, o cenário mundial atual apresenta taxas elevadas de cesarianas, chegando a uma média de 33% na América Latina, 30,5% nos Estados Unidos e um aumento no número destes partos em di-

versos países da Ásia e da Europa. De acordo com dados da Pesquisa Saúde Brasil 2010, do Ministério da Saúde, no Brasil, essa taxa cresceu para 52%, chegando a 82% na rede privada e 37% na rede pública, ultrapassando a recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS) que orienta uma média de 10 a 15% de realização desta cirurgia.

Porém, segundo uma pesquisa de J. P. Souza, publicada na Revista BMC Medicine (2010), existe uma associação da cesariana sem indicação médica com aumento de graves riscos à saúde da mulher, acentuando o risco de morte, risco de internação em UTI, transfusão de sangue e histerectomia. Além disso, existe um aumento de neonatos prematuros, já que as cesarianas pré-agendadas não permitem a possibilidade do corpo sinalizar que está pronto para o trabalho de parto e que o bebê está pronto para nascer.

Diante disto, ressalta-se que a gravidez e o nascimento são uma grande prova de vitalidade e o parto normal humanizado ganha força, no sentido de promover saúde de forma integral à mulher, ao feto e família. Mas, é importante compreender o que é um parto humanizado e como este se daria.

Alguns profissionais de saúde consideram que realizam o parto humanizado, entretanto, este formato que seguem está longe de ser considerado como tal. Atitudes de “acolhimento” como chamar a mãe pelo nome, reduzir luminosidade no local do parto, ter camas para partos humanizados, disponibilizar som ambiente ou desligar o ar condicionado na hora em que o bebê nasce nem sempre vem acompanhados do principal objetivo deste processo: o protagonismo do parto é da mulher.

O parto normal humanizado é um processo onde existe corresponsabilidade. A mulher compreende o seu corpo, a gravidez e possui consciência da importância



Rafaela Cristina e Cauê Galindo logo após o parto realizado segundo os critérios do parto humanizado

(Foto: Bella Valle)

do autocuidado e do autoconhecimento e a implicação disto em sua saúde, refletindo direta ou indiretamente na saúde do bebê e da sua família.

A proposta de humanização do parto é deixar acontecer a experiência natural, onde a fisiologia do corpo e sua relação com o feto ocorre harmoniosamente, já que, de todas as gestantes, apenas 15 a 20% desenvolvem algum problema na gravidez. Assim, os profissionais que podem prestar assistência ao parto normal de baixo risco (médico obstetra, médico da família, enfermeiro obstetra, obstetrix, parteira tradicional) devem apenas acompanhar o processo, sem interferir na sua fisiologia. Ou seja, não realizam partos, mas os acompanham.

Informações claras e baseadas em evidências científicas (publicações científicas que contêm as melhores evidências clínicas) devem estar ao alcance da mulher para que ela possa ter o direito de escolher o seu parto e a forma de ser cuidada.

E quando fala-se em escolha e apoio a este tipo de parto é porque existe um grande benefício para a mulher, seu filho e sua família, que vai além do biológico. Michel Odent, médico francês considerado uma referência

no meio obstétrico, afirma que “para mudar o mundo, primeiro é preciso mudar a forma de nascer”, ou seja, ele acredita que a forma de nascer interfere na capacidade de amar.

Uma mulher que busca compreender que, não só o corpo, mas todo o seu ser prepara-se para gerar e acolher uma nova vida, compreende quão sagrado é este momento. Assim, a transformação desta mulher vem de dentro para fora, sendo importante trabalhar aspectos da vida que necessitam ser ajustados e harmonizados, a fim de transmitir a este novo ser o melhor de si. Quem convive com uma mulher que está gerando uma vida também se sente atraído a renovar-se e o clima de renascimento pode transformar aquele núcleo familiar.

Em todo o período gestacional, a mulher e sua família participam ativamente do cuidado com sua gravidez, configurando a real educação em saúde, que deve ser apoiada pelos profissionais, mas conduzida pela própria mulher. E, para isso, o acesso à informação é importante.

Destaca-se que a participação dos profissionais em acompanhar a gestação e cuidar de aspectos vitais da mulher e seu filho é crucial neste período, mas a cons-



“A mulher compreende o seu corpo, a gravidez e possui a consciência da importância do autocuidado e do reconhecimento e a implicação disto em sua saúde, refletindo (...) na saúde do bebê e de sua família”.

trução de uma melhor forma de viver é realizada pela mulher e sua família.

Neste momento, o vínculo de cuidado e amor vai se fortalecendo entre todos os que estão envolvidos por esta gravidez, emergindo estes sentimentos de maneira extraordinária no momento do trabalho de parto, quando existe uma sintonia perfeita entre o corpo da mulher e do seu filho. Pode-se imaginar este momento como uma dança, com movimentos suaves e libertadores ocorrendo no interior da mãe, repercutindo na mente como um momento de superação e de vitória alcançado entre dois seres.

O parto normal humanizado é uma escolha diferente do que a cultura atual propõe, quando observa-se fortemente uma busca pelo fácil, pela rapidez, pelo consumismo e pela tecnologia. Conduz ao exercício da paciência, da superação, do autocontrole e da utilização de recursos tecnológicos estes são necessários, porém sem descontrolar em seu uso.

E quanto mais a mulher se sente apoiada, mais os hormônios que auxiliam no trabalho de parto realizam sua função naturalmente, no seu tempo, proporcionando uma melhor sensação para a mulher no que diz respeito à dor e adaptação do corpo.

Portanto, a “forma de nascer” pode ser entendida mais amplamente... Porque nasce uma criança, nasce novos pais, (re)nasce uma família, nasce uma nova consciência quanto à vida, quanto à forma de viver. E inicia-se uma modificação interior pessoal... que dissemina-se em uma modificação interior social. ■

* Enfermeira obstetra, mestre em Ciências da Saúde e professora do curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade Asces